

EDITORIAL

Encerrando as publicações do ano de 2022 da Revista Novos Cadernos NAEA (NCNAEA), apresentamos o número 4, do volume 25. Trata-se de número especial, em forma de dossiê, contendo reflexões voltadas a interpretações de dinâmicas territoriais da Amazônia brasileira, especificamente as da região de Carajás.

O dossiê contempla quinze contribuições que, tendo por base esse recorte territorial, analisam importantes e variados aspectos de transformações dessa região. Embora não tenha sido intenção do dossiê rever a produção científica relacionada à região, os artigos apresentam aportes dessa ordem e natureza, todavia o que particulariza o conjunto, hora publicado, é o fato de serem movidos por oferecer indicações de o que torna singular essa fração do bioma Amazônia em termos econômicos, culturais, sociais e ambientais.

O primeiro artigo foi elaborado a pedido da editoria e oferece uma abordagem que integra e articula os artigos do dossiê entre si. Nele, Monteiro, Bahia e Castro optaram tomar como fio condutor de tal articulação, não as oportunidades derivadas da unidade do recorte espacial adotado, mas a indicação da forma como o ideário de transformação por via de modernização impulsionou diversas estratégias desenvolvimentistas e cujos resultados encontram-se apresentados nos artigos. Os autores desse artigo inicial chamam a atenção para a incapacidade de serem cumpridas as promessas de equiparação regional à modernidade ocidental apontada em múltiplas facetas em cada um dos artigos.

Uma vez oferecida essa alternativa de tecitura teórica entre os artigos, construída com base na sociologia, o leitor encontrará artigos resultantes de pesquisas oriundas de várias áreas do conhecimento, todos, entretanto, com abordagem direcionada a interpretar processos de mudanças na região de Carajás.

O segundo artigo de autoria de Eduardo Salgueiro analisa de que forma um suplemento publicado, no final dos anos 1960, pelo jornal Folha de S. Paulo diagnóstica a situação em que se encontrava a Amazônia com base para a proposição defesa de projetos em favor da efetivação das relações capitalistas na região. Na esteira dessa análise, Michelotti, Nascimento e Gomes Júnior analisam repercussões da implantação desses projetos como geradores tanto de expansão da fronteira do capital quando da geração de dinâmicas de enfrentamento à produção capitalista do espaço mediante a territorialização de sujeitos não hegemônicos. Logo a seguir, o texto de Silva, Lisboa e Sena relativizam essa capacidade de as

forças capitalistas, envolvidas na configuração espacial, configurarem uma região, contexto no qual sugerem que a região de Carajás deva ser percebida como zona de contato.

O quinto artigo, elaborado por Neves, chama atenção para uma característica bastante evidente na região de Carajás: o crescimento dos protestantes em diferentes denominações. Mudanças que tem resultado em uma forma de vivenciar a religião, uma vez que mobiliza fiéis para construir pautas religiosas no corpo do Estado. No artigo seguinte, Souza apresenta um panorama da situação do cenário midiático da região de Carajás, indicando a existência de dinâmicas relevantes de diversas ordens, abarcando deste a concentração de propriedade das emissoras até a ampliação da participação religiosa na mídia. Condições que prejudicam sobremaneira o alcance e a pluralidade de informação necessários à edificação de um ambiente favorável para o desenvolvimento social.

O artigo seguinte, de autoria de Rodrigues, fornece análises baseadas em fluxos de mercadorias entre cidades, A interpretação deles confirma a condição de Carajás como uma região econômica, dotada de características que envolvem a existência de centralidade entorno da cidade de Marabá e de uma rede de núcleos urbanos heterogêneos que orbitam em torno dela. Lima e Rolim, noutro artigo, analisam aspectos da centralidade espacial, mas noutra escala, o fazem mediante a análise da construção de centralidades e a expansão na morfologia urbana de cinco cidades-sedes municipais da região de Carajás. Silva, Mendes e Sousa, trazem também contribuições relativas ao urbano da região, apresentando um diagnóstico das condições de saneamento básico das populações pobres inscritas no Cadastro Único que vivem na região de Carajás.

Cavalcanti, em seu texto, apresenta possibilidades de estudos acerca da região de Carajás, por um ângulo alternativo, qual seja, a problematização da escola como espaço de produção de saber e de relatos que concorreram e concorrem para a conformação da própria região. Diversamente, Capanema participa do número da revista com escrito no qual sugere como estratégia heurística para apropriação das mudanças ocorridas na região de Carajás nas últimas décadas o mapeamento e o registro cartográfico de “eventos” com grande repercussão espacial.

Gumiero, realizando estudo de caráter empírico relativo à distribuição Fundo Constitucional de Financiamento do Norte, demonstra que na região de Carajás os investimentos derivados desse fundo priorizaram as atividades rurais, com ênfase na pecuária bovina. O estudo aponta que se trata-se de perfil que guarda importantes diferenciações com a das demais regiões. Perfil que, regionalmente, contribui para aprofundar o caráter primário e deletério da economia regional. O texto seguinte, também com enfoque de viés econômico, de autoria de Monteiro,

demonstra que a dinâmica de crescimento econômico da região se assenta em acréscimos espúrios de competitividade, resultam em degradação social e ambiental e no constrangimento à edificação de alternativas ao desenvolvimento regional em bases sustentáveis.

Por fim, mas não menos importantes, os dois últimos textos apresentam resultados de pesquisas relativas à dimensão ambiental da região. No primeiro deles Vidal, Mascarenhas, Silva e Barbosa oferecem artigo no qual realizam uma classificação das tipologias das paisagens da região de Carajás, produto com considerável potencial de aplicação no planejamento ambiental na região. No artigo que encerra o presente número, Souza apresenta estudo no qual delinea a matriz hidrográfica da região de Carajás. Estudo que constitui um quadro referencial significativo como apoio à governança hídrica regional dentre outras possibilidades.

Em face da multiplicidade de abordagens voltadas à interpretação de dinâmicas presentes em região amazônica marcada por conflitos e rápida transformação, este número da Revista Novos Cadernos NAEA (NCNAEA), simultaneamente, mantém os princípios e o fomento a produções interdisciplinares e propicia a circulação de interpretações de mudanças na Amazônia, sobretudo, as ocorridas em escala regional.

Maurílio Monteiro
Coordenador do Dossiê

Mirleide Chaar Bahia
Editora da Revista Novos Cadernos NAEA